

BOOK REVIEW

RESENHA DE LIVRO

CASTELLAR, Sonia (Org.). Educação geográfica: teorias e práticas docentes. São Paulo-SP: Contexto, 2005. 167 p. (Coleção Novas abordagens. GEOUSP; v. 5). ISBN: 85-7244-311-8

Amanda Regina Gonçalves

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia
UNESP, Campus Rio Claro-SP.
Bolsista FAPESP
amandarg@rc.unesp.br

O livro *Educação geográfica: teorias e práticas docentes*, organizado por Sonia Castellar, traz um conjunto de dez textos, com o feito de reunir autores de quatro importantes universidades brasileiras (USP, UNIJUÍ, UFG e UERJ) preocupados com os processos de ensino e aprendizagem de Geografia, voltados à educação básica e formação de professores.

Numa orientação teórica construtivista, os capítulos apresentam enfoques educacionais com base em recentes pesquisas, nos colocando perante desafios pedagógicos e metodológicos concernentes às nossas relações com as escolas, seus sujeitos e o ensino de Geografia.

A questão do trabalho com projetos como uma abordagem pedagógica significativa para os alunos é tratada no texto de Sueli Angelo Furlan, onde a autora destaca que eleger uma metodologia que valorize as representações dos alunos, que parta de uma problemática e permita uma vivência de situações desafiadoras de aprendizagem, deve permear todas as escolhas didáticas do professor. Como exemplo desta proposta é apresentada e discutida uma seqüência de atividades planejadas para o curso de Biogeografia, desde a apresentação da atividade, do entendimento da idéia de projeto, suas estruturas, objetivos, planos de implementação, até a importância da socialização das distintas produções.

Trazer as idéias expostas na obra “Emílio ou Da educação”, de Jean-Jacques Rousseau, filósofo naturalista do século XVIII, para as discussões sobre Geografia como a ciência e a disciplina que estuda o visível: as paisagens e a expressão espacial dos fenômenos (naturais e sociais), é objeto do luminoso esforço de Helena Copetti Callai.

Centrando a análise na corrente teórica da psicologia genética, a qual denomina de construtivismo epistemológico, Sonia Castellar traz reflexões sobre os processos de aprendizagem, aplicando-as ao ensino da Geografia nas séries fundamentais. Apoiada em pesquisas que realizou sobre a aprendizagem, a autora traz o conhecimento como um processo de compreensão da realidade, a partir das representações que as pessoas têm dos objetos e fenômenos (significados), em consonância com seus próprios conhecimentos e experiências (ações).

O ensino da cartografia temática, analisado por Marcello Martinelli, praticamente é uma continuidade do ensino da cartografia em termos gerais, tal como historicamente aconteceu: a temática foi se acrescentando à topográfica. Demandando, portanto, um domínio específico das bases da estrutura da linguagem dos mapas – da representação gráfica – cuja tarefa essencial é transcrever as três relações fundamentais monossêmicas (de *diversidade*, *ordem* e *proporcionalidade*) que se podem estabelecer entre objetos por relações visuais de mesma

natureza. Diante disso, o método indicado pelo autor inclui as formas de manifestação dos fenômenos, os modos de apreciação dos fenômenos por meio de representações, e os níveis de raciocínio estabelecidos nessa estrutura que articula as representações da cartografia temática.

No texto de Lana de Souza Cavalcanti o eixo de análise está focado na diversidade dos sujeitos-alunos como referência para a construção da Geografia escolar a partir de uma retomada, bastante aprofundada, das idéias já desenvolvidas em outras produções sobre uma concepção socioconstrutivista do ensino de Geografia, indicando sua função para além da escola e significativa na vida cotidiana mais imediata do aluno. Concebe a escola como lugar para o encontro da diversidade cultural, possibilitado e estimulado ao se aproveitar e promover diálogos entre a riqueza da diversidade de símbolos, significados, valores, atitudes, sentimentos, expectativas, crenças e saberes dos sujeitos aí presentes. Nessa linha, são conteúdos curriculares significativos o conjunto de conhecimentos, saberes, procedimentos, valores, construídos e reconstruídos constantemente nesse espaço da sala de aula e da escola em geral.

Marcos Antônio Campos Couto nos propõe “pensar por conceitos geográficos”, como expõe no título do capítulo, visto que o conteúdo e as categorias mais gerais são portadoras da estrutura lógica da ciência como forma peculiar da reflexão sobre a realidade, servindo à compreensão do conhecimento científico no plano da escolarização (como disciplina escolar) e proporcionando maior conscientização de nossos processos mentais. Como base de suas teorizações o autor utiliza-se do conteúdo de uma Oficina Pedagógica, do qual faz parte da organização, com alunas do ensino médio do Curso Normal de formação de professores, concluído com uma reflexão sobre a Geografia e seus conceitos básicos.

A propósito da representação de alunos sobre distintos conceitos geográficos e a contextualização das informações que os possibilitam dar significados aos mesmos, Jerusa Vilhena de Moraes traz uma discussão a partir da teoria de Ausubel, especialmente sobre seu conceito de aprendizagem significativa. Apresentando alguns exemplos, demonstra entender como estratégias que auxiliam esse tipo de aprendizado a construção de mapas conceituais e o uso de documentos que possam permitir ao aluno compreender e explicar a organização do lugar em que vive, a regra de seu funcionamento e os elementos culturais que dele fazem parte.

Para Ana Lúcia Araújo Guerrero a formação docente é uma das principais bases para a realização de mudanças na educação formal. A partir disso ela traz o exemplo de uma formação dada por meio de conhecimentos da Teoria Psicológica da Atividade, desenvolvida por Leontiev, que designa como elementos essenciais de sua estrutura: necessidades, motivos, objetivos, problemas, ações e operações. A autora demonstra esta premissa apresentando como utilizar tal teoria na elaboração de atividades de aprendizagem no sentido de desenvolver o processo de alfabetização cartográfica e aprendizagem docente num contexto de formação continuada de professores da rede pública municipal de ensino de São Paulo.

O domínio da própria lateralidade é de fundamental importância para a Geografia e Cartografia, pois é a partir do corpo da criança, da sua própria lateralidade, que se inicia o processo de alfabetização cartográfica, tal como demonstra Luciana Gonçalves da Silva. A autora apresenta um trabalho prático, baseado na metodologia piagetiana, em que criou jogos de simulações-problema, os quais foram aplicados com crianças de diferentes faixas etárias com o objetivo de diagnosticar os conhecimentos prévios e as habilidades cognitivas que possuíam em relação às noções de lateralidade, pontos de referência e de localização espacial.

Entendendo que partir do universo da criança para ensiná-la a observar significa dar condições a ela de verificar os pontos importantes da realidade, que devem ser registrados por meio da escrita ou mesmo do desenho, Sonia Maria Munhões Romano versa em seu texto sobre uma pesquisa desenvolvida em uma unidade pública de ensino que objetivava investigar as dificuldades dos professores das séries iniciais no trabalho com os conceitos de visão vertical e visão oblíqua no ensino de Geografia.

O livro aborda problemáticas que revestem atualmente o ensino dessa disciplina, fazendo-se

presentes preocupações tanto com a formação integral dos professores e alunos do ensino fundamental, quanto com o trabalho acadêmico de estudantes e professores no tratamento da ciência; com o propósito de apontar, sob orientação teórica construtivista, idéias para melhorar os processos de ensino-aprendizagem da geografia.